

boletim [^] da CONSCIÊNCIA NEGRA

APEOESP

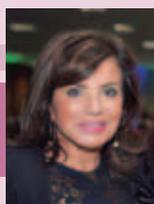
SINDICATO DOS
PROFESSORES DO ENSINO OFICIAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO
Filiado à **CUT** e **CUT**

Coletivo Anti-racismo
"Milton Santos"



20 de Novembro de 2016

Editorial



Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

A APEOESP leva às escolas a edição 2016 do Boletim da Consciência Negra, em meio a um desmonte institucional jamais visto no País, que atinge fortemente a Educação e as políticas públicas implementadas nos últimos anos, especialmente voltadas às mulheres e afrodescendentes.

A foto da posse do governo que emergiu do golpe institucional, em 12 de maio, é ilustrativa do atual momento: nenhum negro, nenhuma mulher, mas muitos ministros investigados pela Justiça e até mesmo condenados pelo desvio de recursos públicos.

Ainda na posição de presidente interino, Michel Temer anunciou que os Ministérios da Igualdade Racial, Mulheres e Direitos Humanos deixariam de existir, sendo incorporados ao Ministério da Justiça e Cidadania, assumido por Alexandre de Moraes, o ex-secretário de Segurança Pública de São Paulo, famoso pela violência na repressão aos movimentos sociais e às ocupações estudantis das escolas estaduais em 2015.

A onda conservadora fortalece a pedagogia da mordança e acaba com avanços sociais conquistados na história recente do País. Há ainda a reforma do Ensino Médio, que pode oficializar um apartheid educacional no Brasil.

Caso seja sancionada, a proposta de excluir matérias como Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia do currículo escolar será o triunfo do conceito de "Escola sem Partido", que criminaliza o debate, principalmente em relação a questões de raça, gênero e sexualidade.

A APEOESP, que é um Fórum Permanente de Debates de Educação e Políticas Públicas, está na luta contra este violento retrocesso no campo dos direitos sociais e civis. A crise política não pode ser um alibi para que os direitos dos afrodescendentes, professores e estudantes das escolas públicas sejam desrespeitados.

Um Nobel para a voz dos oprimidos

"Ao vê-lo incriminado, não pude evitar sentir vergonha de morar em uma terra onde a Justiça é um jogo" - 'Hurricane' de Bob Dylan



• 'The Essential Bob Dylan' é uma compilação de clássicos do músico; a biografia • 'Like a Rolling Stone - Bob Dylan na encruzilhada' é da Companhia das Letras

Enquanto o Brasil assiste a uma ascensão da extrema-direita, com constantes ameaças de criminalização dos movimentos sociais, o Prêmio Nobel de Literatura de 2016 transformou Bob Dylan, o poeta dos oprimidos, no artista mais premiado do mundo.

Suas letras contundentes, sua profunda conexão às lutas pelas liberdades individuais e pelos direitos civis e seus versos atemporais, que há muito tempo são objeto de estudo nas universidades, conquistaram a Academia Sueca que, no dia 13 de outubro, pela primeira vez na história do Prêmio concedeu a um cantor o Nobel de Literatura.

Nos seus 75 anos de vida, Dylan escreveu 12 livros e produziu 69 álbuns, que lhe renderam o Troféu Globo de Ouro, o Oscar, o Grammy e o Pulitzer.

As biografias do artista confirmam a forte influência da contracultura, dos escritores rebeldes como Jack Kerouac e Arthur Rimbaud e de um compositor filiado ao Partido Comunista dos Estados Unidos, Woody Guthrie.

Falecido em 1967, Guthrie usou

sua música para denunciar o preconceito e os males do capitalismo e defender os trabalhadores. Dylan definiu-se como o maior dos seus discípulos e prometeu continuar sua arte.

Hino da esquerda

Isso explica como uma de suas músicas mais famosas, "Blowin' in the Wind" tornou-se um hino da esquerda. Primeiro nos Estados Unidos, na campanha pelos direitos civis, e atualmente no Brasil.

A canção de 1962, composta em meio à Guerra do Vietnã, fala sobre a paz e tem melodia adaptada de um hino afro-americano chamado "No More Auction Block" (Chega de Leilões de Escravos), uma referência a uma prática americana - e também brasileira - do século XIX.

O refrão conhecido no mundo inteiro - "The answer is blowin' in the wind" (A resposta está soprando no vento) - veio da autobiografia do cantor Woody Guthrie, que compara sua sensibilidade política às folhas de jornal voando por Nova York.

Prisão injusta

Outro clássico de Dylan muito popular no Brasil - "Hurricane" - também é inspirado no flagelo dos afrodescendentes. A canção fala da saga do pugilista Rubin Carter que, acusado injustamente de triplo homicídio, ficou preso durante 15 anos.

Negro em plena segregação racial nos Estados Unidos, Carter escreveu na prisão o livro "The Sixteenth Round", denunciando a injustiça e inspirando Dylan a compor uma canção que narra em nove minutos o equívoco que custou a liberdade de um homem.

A repercussão da música tornou a história de Rubin Carter conhecida internacionalmente e ele obteve a revisão do processo e foi inocentado.

Em 1988, ano em que o pugilista foi solto, os brasileiros ganharam uma versão de Hurricane, "Faroeste Caboclo", de Renato Russo, que também conta a história de um homem injustiçado.

PARTICIPE:

A APEOESP está na 13ª Marcha da Consciência Negra, que reúne a comunidade afrodescendente para celebrar o 20 de novembro, aniversário de Zumbi dos Palmares, e também protestar contra as medidas que afetam as conquistas recentes da população negra.

A concentração para a Marcha de 20 de novembro será a partir das 10 da manhã, no vão livre do Masp.

Veja ainda nesta edição:

➔ CNJ recebe denúncia do caso Carandiru - pg.2

➔ PM mata na quadra de escola - pg. 2

➔ Saúde: Redução de verbas agrava crise - pg 3

➔ Seminário do Fórum da Diversidade - pg. 4

➔ Angela Davis lança livro no Brasil - pg. 4

“É real, a polícia mata inocente”

Baleado por um PM na quadra da Escola Estadual Tancredo Neves, em Grajaú, periferia da zona sul de São Paulo, no dia 1º de outubro, o estudante Matheus Freitas, de 24 anos, morreu no hospital, dias depois. Aluno de economia, recém-admitido em um estágio, Matheus encontrava-se frequentemente com os colegas de escola para jogar futebol.

No dia 02 de junho, Ítalo Ferreira de Jesus foi morto a tiros por policiais, na região do Morumbi. O garoto de 10 anos de idade era suspeito de roubar um carro.

Ítalo estava matriculado no segundo ano de uma escola estadual e era morador de uma favela na zona sul da capital.

Os dois crimes foram registrados como se tivessem ocorrido em decorrência de suposta oposição à intervenção policial, a antiga resistência seguida de morte. Em comum, eles têm o fato de vitimarem negros moradores de periferia.

História que se repete

O Portal da Transparência da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo aponta que 73% dos mortos entre 1º de junho de 2015 e 31 de maio de 2016 em decorrência de suposta oposição à intervenção policial na cidade de São Paulo são pardos ou negros.

Os boletins de ocorrência indicam

Reprodução Facebook



Estudantes protestam na Escola Estadual Tancredo Neves contra o assassinato do universitário Matheus Freitas (destaque)



que 45% dessas vítimas têm entre 18 e 24 anos. O mesmo perfil de Matheus Freitas, o jovem universitário que, mesmo desarmado, foi baleado.

O nome e a data de nascimento de Matheus foram escritos no muro da EE Tancredo Neves, com o epitáfio: “é real, a polícia mata inocente”. A comunidade escolar fez um protesto no dia 04 de outubro.

Familiares e amigos do estudante participaram de um protesto já no dia 04 de outubro, no Grajaú. A PM usou bombas de gás e balas de borracha para dispersar a manifestação e avisou que o policial que atingiu Matheus foi afastado.

A periferia sangra

Em meio às inúmeras notícias sobre vítimas da violência policial, chama a atenção o desaparecimento de cinco jovens na zona leste da capital. O carro onde estavam quando foram abordados pela Polícia, na noite de 21 de outubro, foi encontrado às margens do Rodoanel Mário Covas.

O Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana de Sapopemba, que acompanha o caso, vê indícios de que os jovens podem ter sido vítimas de policiais, devido a mensagens em celulares e ameaças anteriores.

Os boletins de ocorrências divulgados pelo governo estadual confirmam que os bairros que atingiram ou ultrapassaram o número de 10 mortes em confronto com a PM estão localizados na periferia.

Itaim Paulista é o primeiro com 15 mortes, entre junho de 2015 e maio de 2016. Depois vem Itaquera com 14; seguida por Cachoeirinha, com 13; Brasilândia, Jardim Ângela e Sapopemba, região dos jovens desaparecidos, com 10 mortes em cada bairro.

Sugestão de leitura

Acaba de ser lançado “Mães em Luta: 10 anos dos Crimes de Maio de 2006”. O livro apresentado como uma “historiografia resistente” foi organizado por André Caramante, da Ponte Jornalismo, e tem prefácio da repórter mais premiada da imprensa brasileira, Eliane Brum.



A obra analisa a violência da PM, a partir dos crimes cometidos entre os dias 12 e 20 de maio de 2006, em que pelo menos 564 pessoas morreram em atentados, com a participação de policiais em São Paulo.

Carandiru: 24 anos de omissão e abuso



Movimento Mães de Maio acende velas em frente ao Tribunal de Justiça, em protesto contra a absolvição dos réus do Carandiru

“Presos são quase todos pretos / Ou quase pretos, ou quase brancos / quase pretos de tão pobres” - Caetano Veloso e Gilberto Gil em Haiti

dia 02 de outubro, com um desfecho que provocou repúdio em organizações internacionais, como a Human Rights Watch e Anistia Internacional.

O desembargador Ivan Ricardo Sartori, do Tribunal de Justiça de São Paulo, pediu no dia 27 de setembro a absolvição dos 74 policiais condenados pelos assassinatos cometidos em 1992 no Carandiru, alegando que agiram no “estrito cumprimento do dever legal”, mesmo argumento usado pelos oficiais nazistas responsáveis pela deportação e massacre dos judeus no campo de concentração durante a II Guerra Mundial.

O desembargador usou também a justificativa da “legítima defesa” para anular os julgamentos, mesmo diante

do fato de que os presos estavam desarmados e rendidos.

A decisão repercutiu muito mal no Brasil e na imprensa internacional, o que levou Sartori a mais uma declaração assustadora: “o crime organizado estaria financiando os órgãos de imprensa que manifestaram preocupação com o assassinato de pessoas sob a custódia do Estado”, acredita o desembargador.

Autorização para matar

Para o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a anulação da pena, determinada em 2013 e 2014 aos condenados pelo massacre, é uma autorização para matar.

Além da confirmação da cultura da impunidade no País, o episódio é citado por especialistas como o embrião do PCC, a temida organização criminosa que comanda quadrilhas de dentro dos presídios e hoje tem ramificações internacionais.

O comando surgiu como uma confraria de presos que, durante uma partida de futebol, decidiram que precisariam criar mecanismos próprios de proteção para evitar novas chacinas.

Em mais de duas décadas em que a Justiça se omitiu do seu papel de punir os responsáveis pelo massacre, o PCC tornou-se o primeiro cartel internacional de drogas com sede no Brasil.

Outra seqüela da chacina é o aumento da violência policial contra os mais pobres e os negros. “Os massacres saíram de dentro de ‘Carandiru’ e passaram a estar no cotidiano das periferias e das favelas”, lamentou Débora Maria da Silva, fundadora do Grupo Mães de Maio, durante recente Ato em Memória às vítimas do massacre.

Para a ativista, a anulação da pena dos condenados pelo massacre revela que a Justiça brasileira é “classista, racista e partidária”.

Saúde: PEC e redução de verbas agrava crise no setor

Militantes do Movimento Negro denunciam que o racismo ainda é uma das causas mais frequentes do tratamento desigual na área da Saúde.

“As estatísticas demonstram menor qualidade e expectativa de vida ao povo negro”, denuncia o Coletivo de Oyá - Mulheres Negras da Periferia de SP -, em comunicado distribuído em 27 de outubro, Dia Nacional de Luta Pró-Saúde da População Negra.

Além das doenças hereditárias como a anemia falciforme, mais frequente entre a população afrodescendente, os dados epidemiológicos revelam que desnutrição, tuberculose, dengue, zika, alcoolismo, violência, sofrimento mental, altas taxas de

morte infantil são mais incidentes na população negra.

Mas, não são apenas os problemas de acesso a hospitais e postos médicos que acarretam essa desvantagem, já que fatores como falta de moradia adequada e saneamento básico também são determinantes para a qualidade de vida e manutenção da saúde.

Na capital paulista, a maioria da população negra está concentrada na periferia, onde os problemas de moradia são maiores. Por isso, o Coletivo de Mulheres Negras concentrou a campanha informativa do Dia Nacional de Luta Pró-Saúde da População Negra nas periferias, com intervenções para dialogar com associações de moradores, terreiros de candomblé, igrejas e fóruns de saúde.

“Dentre as diversas políticas do Sistema Único de Saúde, a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra é orientada pelo princípio de justiça social, porque busca diminuir desigualdades, investindo mais onde a carência é maior”, explica a enfermeira Leila Rocha, especialista em Gestão de Políticas Públicas e ativista social.

Desmorte

Mas, os retrocessos impostos pela aprovação da chamada PEC do Teto, que congela por 20 anos gastos do governo federal, devem piorar também o acesso à saúde para a população negra.

“Além de reduzir os recursos para a saúde, educação e ações sociais, o Governo Temer articula o desmorte do SUS. Propõe vigorosas ações de

privatização através do chamado Plano de Saúde Acessível que resultará em cobranças sobre serviços que hoje são gratuitos. A estratégia beneficia as empresas de planos de saúde negando acesso a serviços como oncologia, cardiologia, hemodiálise para quem não pode pagar”, denuncia Leila Rocha.

As propostas que têm sido aprovadas esbarram na Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, estabelecida em portaria de maio de 2009 pela então presidenta Dilma Rousseff.

“Os governos têm por obrigação garantir e ampliar o acesso da população negra residente em áreas urbanas, em particular nas regiões periféricas dos grandes centros, às ações e aos serviços de saúde”, estabelece a portaria.

A população deve articular-se para exigir atendimento digno e informações nas unidades de Saúde. A participação nas Associações de Moradores e Sindicatos fortalece as reivindicações e dá visibilidade às denúncias de mau atendimento, omissão e preconceito.

EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS



Educadores recebem Programa de Formação na Casa do Professor

Jesus Carlos

O Boletim da Consciência Negra da APEOESP reproduz aqui sugestões de projetos pedagógicos apresentados pelo Programa de Formação da CNTE: Educação para as Relações Etnicorraciais. Boa aula!

1) Músicas que contam histórias

Música Mestre Sala dos Mares (Aldir Blanc e João Bosco)

Contar a história do almirante negro João Cândido e sua trajetória na Marinha Brasileira.

Trabalhar algumas expressões que tenham conteúdo racista (mulatas, francesas, polacas, etc)

Música África (Palavra Cantada)

Reforçar o conteúdo da música que fala dos países africanos, destacando os que falam a Língua Portuguesa. Vale perguntar: Existem outros países que falam português fora da África? Eles falam português por quê? Fazer pesquisa sobre a colonização e a língua falada

no Brasil e em Portugal; quais as diferenças?

2) Vivam as diferenças!

Pesquisar e localizar no mapa os países indicados na letra da música “África” e descobrir as bandeiras e moedas de cada um. Fazer um painel das línguas faladas em cada local.

O que a Bahia tem em comum com os países africanos?

E com países da Europa? Verificar as diferenças nas roupas, cabelos, criar ‘caródromo’ e colocar o rosto das pessoas da escola. Vivam as diferenças!

Brincar de autorretrato, identificando quais pintores criaram imagens de si.

Atlas da Vida: elaborar um registro através de textos e ilustrações com a história de cada estudante. O Atlas pode envolver toda a comunidade escolar.

Baobá, a árvore símbolo de África: pesquisar e depois descobrir se outros países também têm suas árvores. Vale perguntar: Qual é a árvore símbolo do Brasil?

Pesquisar termos como Oxalá, Ilê, Malê, Alah, Nagô, Yorubá para a construção de um dicionário com diversas expressões que contribuíram para a formação da nossa língua.

3) 13 de Maio. E daí?

Realizar pesquisa histórica, abor-

dando o que significou a assinatura da Lei Áurea e qual a realidade vivida pelo Brasil naquele ano. Buscar os fatos para entender o 13 de maio. Vale perguntar: quantos negros já estavam libertos? Quais os movimentos que existiam para libertação da população negra?

Utilizar histórias em que os negros sejam protagonistas.

Buscar epopeias de povos africanos com seus heróis e sagas.

Estudo de biografias de heróis negros africanos e brasileiros.

Estudo da influência das línguas africanas no português brasileiro (confeção de minidicionário).

Recuperar a presença das personalidades negras em nossa história (homens e mulheres).

Utilizar músicas, cujas letras apresentem negros e negras na sociedade. Sugere-se compor um samba-enredo.

4) Negras palavras

Movimento literário do romantismo: promover discussões sobre a situação da população negra, a partir das obras de Castro Alves, Cruz e Souza, Gonçalves Dias e Machado de Assis, entre outros.

Realizar mostra literária no espaço escolar.

Promover um Concurso de Redação.

Estudar a trajetória de artistas afrodescendentes, com destaque para

celebrações da cultura afro-brasileira, como congada, moçambique, maracatus, roda de samba, entre outras.

5) Cultura nossa

Cultura Hip Hop (rap+ break + MCs+ grafite).

Confecção de máscaras africanas.

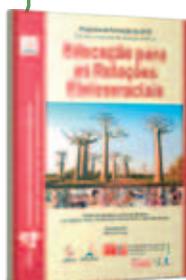
Registrar as mudanças de distribuição do território (levantar hipóteses sobre essas mudanças).

Realizar mostra de curta-metragens.

Promover debates com representantes do Movimento Negro, com temas como a violência urbana nas grandes capitais.

Realizar oficinas de criação de música negra.

SERVIÇO



A CNTE publica em seu site o programa de formação de dirigentes sindicais, com o tema “Educação para as Relações Etnicorraciais” (eixo 4, fascículo 2).

O livro foi lançado em agosto, durante reunião do Conselho Nacional de Entidades. Acesse: http://www.cnte.org.br/images/stories/esforce/pdf/programaformacao_eixo04_fasciculo02_educacao_relacoes_etnicorraciais.pdf



Boletim da Consciência Negra
Nov./2016

Aprender e ensinar em tempos de intolerância

Jesus Carlos



Estudante canta durante Seminário na Casa do Professor

A Casa do Professor sediou Seminário do Fórum de Educação e Diversidade Étnico-Racial do Estado de São Paulo, em parceria com a APEOESP, sobre o desmonte da Educação Pública no Brasil.

Durante o evento, realizado no dia 17 de setembro, professores da rede pública e ativistas do movimento negro debateram os reflexos do atual cenário político nos Fóruns Estaduais de Educação e nos movimentos sociais.

O Seminário foi aberto pela presi-

denta da APEOESP, Maria Izabel Azevedo Noronha, e contou com palestras das professoras Anatalina Lourenço, presidenta do Feder, e Iêda Leal, Secretária de Combate ao Racismo da CNTE, entre outros ativistas.

O consenso é de que “o advento do golpe no Brasil, com o apoio dos fundamentalistas, aprofunda o processo de retirada de direitos, que atinge mais diretamente as mulheres negras, os indígenas, a população afrodescendente, a comunidade LGBT, imigrantes e refugiados”.

Em memória à Luiza

O Movimento pela Liberdade Religiosa e Promoção da Cultura de Paz - As Águas de São Paulo criou o Prêmio Luiza Bairros para comemorar os 10 anos da instituição e homenagear a ex-ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

A feminista negra Luiza Helena de Bairros faleceu no dia 12 de julho de 2016, deixando um legado na luta em defesa das políticas afirmativas e das comunidades tradicionais de matrizes africanas.

O Prêmio que leva o seu nome destaca o trabalho de ativistas que, assim como ela, combatem a intolerância religiosa e o racismo.



expediente



Dirigentes responsáveis:

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Fábio Santos de Moraes
Vice-Presidente

Roberto Guido
Secretário de Comunicações

Silvio de Souza
Secretário de Comunicações Adjunto

Rita de Cássia Cardoso
Secretária de Políticas Sociais

Ezio Expedito Ferreira Lima
Secretário Adjunto de Políticas Sociais

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha

Fábio Santos de Moraes

Roberto Guido

Silvio de Souza

Leandro Alves Oliveira

Fábio Santos Silva

Rita de Cássia Cardoso

Ezio Expedito Ferreira Lima

Luiz Gonzaga José

Maria Sufaneide Rodrigues

Francisco de Assis Ferreira

Zenaide Honório

Texto e edição:

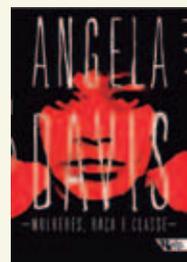
Ana Maria Lopes - MTB 23.362

Produção:

Secretaria de Comunicações da APEOESP

Tiragem: 15 mil exemplares

Letras, cores e sons de novembro



“Mulheres, Raça e Classe” da filósofa Angela Davis, que pertenceu ao Movimento Panteras Negras, acaba de chegar às livrarias. Lançado no Brasil pela Editora Boitempo, o livro de 1981 é um clássico sobre a situação da mulher negra.

A autora, que esteve no Brasil em setembro passado, relaciona as lutas anticapitalista, feminista e antirracista, em uma reflexão conjunta que envolve questões de gênero, raça e classe.

Ícone do movimento pelos direitos civis, Angela

Davis foi também membro do Partido Comunista dos Estados Unidos. Sua prisão na década de 1970 gerou a campanha internacional “Libertem Angela Davis”, que a transformou na pessoa mais admirada pelos artistas e intelectuais e, ao mesmo tempo, odiada pelos poderosos da época, como o presidente norte-americano Richard Nixon e o então governador da Califórnia, Ronald Reagan.

A história da Pantera Negra que se tornou professora de Filosofia na Califórnia é tema também de um documentário de 2014, “Libertem Angela Davis”. A Revista Cult de outubro traz um dossiê sobre a trajetória e o pensamento da ativista.

O Boletim da Consciência Negra destaca aqui outras dicas educacionais e culturais para celebrar e refletir sobre o significado das celebrações de 20 de novembro.

A Livraria e Editora Expressão Popular acaba de relançar “Crônica Militante”, de Lima Barreto, escritor negro que lutou por uma literatura que despertasse a solidariedade. Grande cronista de sua época, o autor colaborou com diversas revistas literárias na década de 20, mas a maioria de sua obra só foi publicada postumamente.

O livro-reportagem “Cidade do Paraíso - Há vida na maior favela de São Paulo”, da Primavera Editorial, conta a história dos moradores dos Paraisópolis. São artistas, empreendedores e trabalhadores braçais retratados pelos jornalistas Wagner de Alencar e Bruna Belazi, em histórias de empoderamento que passam distante dos estigmas policiais que cercam as favelas. Um dos autores do livro, Wagner de Alencar, conquistou o 3º Prêmio Jovem Jornalista do Instituto Vladimir Herzog ao escrever, em 2011, um projeto de reportagem sobre o cenário da educação em Paraisópolis.

Chega às livrarias “Carolina”, a biografia de Carolina Maria de Jesus em quadrinhos. O livro do designer gráfico João Pinheiro e da professora Sirlene Barbosa narra a infância pobre em Minas Gerais e a vida de fome e sofrimento em São Paulo do maior fenômeno literário do Brasil na década de 60.

A autora do best-seller “Quarto de Despejo” saiu da Favela do Canindé para a fama, mas morreu no ostracismo. “Carolina” é da Editora Campos. Veja os esboços que deram origem aos quadrinhos no site <http://carolinaemhq.tumblr.com>.

Em parceria com o Museu Afro Brasil, o Canal History exhibe uma nova versão da minissérie Raízes, que aborda a escravidão e a luta pela liberdade. A minissérie é baseada no livro vencedor do Prêmio Pulitzer, escrito em 1976 por Alex Haley, que relata a história da escravidão do seu ancestral, Kunta Kinte, e a libertação de seus descendentes.

Diversos conteúdos, elaborados pelo Núcleo de Pesquisa do Museu Afro, sobre a escravidão foram disponibilizados no site da emissora: www.seuhistory.com.

O blog “Preta, preto, pretinhos” é o mais novo espaço para o debate e divulgação de projetos e manifestações relacionados à Consciência Negra. Apresentado por sua idealizadora, a jornalista Denise Mota, como um fórum para a discussão e eliminação de estereótipos e preconceitos ainda arraigados no Brasil, o blog estreou no dia 02 de agosto no Portal da Folha de São Paulo.

“Você tem algum projeto em andamento relacionado à negritude? Sabe de alguma nova manifestação (social, artística, religiosa, acadêmica, esportiva etc. etc.) que tenha como eixo a herança africana? Conta para a gente”, convida a jornalista. Acesse <http://pretapretopretinhos.blogfolha.uol.com.br/>

Escolas e ONGs de todo o País podem se inscrever até o dia 30 de novembro para o Edital Gestão Escolar para a Equidade – Juventude Negra. Iniciativa do Instituto Unibanco, Baobá - Fundo para Equidade Racial e a Universidade Federal de São Carlos, o edital vai selecionar projetos de escolas públicas de Ensino Médio, voltados ao enfrentamento das desigualdades raciais no ambiente escolar e promoção de qualidade na educação de jovens negros. As inscrições poderão ser feitas através do site www.institutounibanco.org.br/juventude-negra.

A subseleção Sudoeste da APEOESP é uma das apoiadoras do 6º Prêmio Sacy, que foi entregue durante festa realizada no dia 29 de outubro. Promovido pela Associação de Educadores da USP, pelo Grupo do Espaço Cultural Cachoeiras e outras entidades da sociedade civil, o Prêmio destaca iniciativas em defesa da Educação e da Cultura Popular. Entre os 13 ganhadores da edição 2016 estão representantes dos movimentos sociais e o secretário municipal de Direitos Humanos e vereador recém-eleito, Eduardo Suplicy.

Professor da rede estadual com doutorado na USP, Ramatis Jacino é coordenador do curso “Escravidão: transição ao trabalho assalariado e os projetos de branqueamento no Brasil”. A subseleção Sudeste da APEOESP foi a primeira a oferecer o curso aos professores, em aulas aos sábados que terminaram no dia 22 de outubro. Ramatis, que é conselheiro do Sindicato, é autor de dois livros sobre exclusão e trabalho.